

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

REGINA LOURDES CAMPISSE ROMANO

"A Beleza do Envelhecer: A Visão Poética de Rubem Alves em 'As Cores do Crepúsculo'"

Juiz de Fora
2024

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Regina Lourdes Campisse Romano**, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202272130A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A beleza do envelhecer: A visão poética de Rubem Alves em “as cores do crepúsculo”**, desenvolvido durante o período de MARÇO a OUTUBRO de 2024, sob a orientação de Edson Fernando de Souza, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 09 de outubro de 2024

Regina Lourdes Campisse Romano

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

"A Beleza do Envelhecer: A Visão Poética de Rubem Alves em 'As Cores do Crepúsculo'"

Regina Lourdes Campisse Romano

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar o envelhecimento populacional que vem crescendo e tem despertado muito interesse nas últimas décadas. No Brasil, a pessoa é considerada idosa a partir dos 60 anos, mas ainda tem muito a oferecer. Cabe também destacar que o aumento da expectativa de vida e a diminuição das taxas de natalidade contribuem para o rápido envelhecimento da população mundial. Este estudo busca aprofundar alguns aspectos da velhice, analisando não apenas os desafios e dificuldades enfrentados, mas também as oportunidades que podem ser desenvolvidas neste contexto. Compreender a velhice na perspectiva de Rubem Alves e suas nuances, promovendo uma maior interação da idade com o prazer de envelhecer, assim viabilizando uma abordagem mais inclusiva e empática em relação aos idosos. Neste espaço, discutem-se assuntos como o envelhecimento, educação, espiritualidade, sexualidade. E entrar na simplicidade da escrita de Rubem Alves, é perceber a familiaridade com que qualquer pessoa pode estar vivendo o mesmo que ele.

Este trabalho explora a visão de Rubem Alves sobre a velhice, conforme expressa em sua obra "As Cores do Crepúsculo", e analisa como essa perspectiva se relaciona com a realidade dos idosos no Brasil. A pesquisa visa compreender a abordagem poética e filosófica de Alves em relação ao envelhecimento e avaliar se sua concepção idealizada da velhice reflete ou contrasta com a experiência vivida pelos idosos brasileiros.

Busca-se, então, não apenas ampliar o conhecimento sobre a velhice, mas também contribuir com uma sociedade mais justa e inclusiva, na qual o etarismo possa viver a plenitude.

Palavras-chaves: Velhice; Educação; Espiritualidade; sexualidade; Rubem Alves.

INTRODUÇÃO

Este trabalho explora a visão de Rubem Alves sobre a velhice, conforme expressa em sua obra "As Cores do Crepúsculo", e analisa como essa perspectiva se relaciona com a realidade dos idosos no Brasil. A pesquisa visa compreender a abordagem poética e filosófica de Alves em relação ao envelhecimento e avaliar se sua concepção idealizada da velhice reflete ou contrasta com a experiência vivida pelos idosos brasileiros.

A velhice é uma fase da vida marcada por mudanças físicas, aumento da vulnerabilidade a doenças e a acumulação de sabedoria e experiência. Envolve desafios como a adaptação a novos papéis, como aposentadoria, e variações nas percepções sociais, que podem alternar entre a valorização da experiência e a associação com declínio. Além disso, a velhice impacta a segurança financeira e o acesso a cuidados de saúde, afetando a qualidade de vida. Em resumo, é uma fase complexa que combina desafios e oportunidades para reflexão e busca de significado.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 aborda a velhice no artigo 230, garantindo proteção e direitos aos idosos, incluindo acesso à saúde, educação, lazer e assistência social. Este artigo reflete o compromisso do Estado com a dignidade e o bem-estar dos idosos, promovendo políticas e leis específicas, como o Estatuto do Idoso, para assegurar que vivam com dignidade e segurança. A abordagem constitucional demonstra a valorização da velhice e o reconhecimento da importância de oferecer suporte adequado a essa faixa etária.

Rubem Alves, um dos mais destacados pensadores e escritores brasileiros, dedicou boa parte de sua produção literária e filosófica à reflexão sobre temas existenciais, como o amor, a morte, a felicidade, e, especialmente, a velhice. Em "As Cores do Crepúsculo", Alves aborda a última fase da vida como um período de contemplação e descobertas, sugerindo que o crepúsculo da existência não deve ser visto apenas como um prelúdio para o fim, mas como uma oportunidade de reavaliação e ressignificação da vida. Ao utilizar metáforas ricas e poéticas, Alves retrata a velhice como um tempo de maturidade emocional e intelectual, onde o indivíduo pode apreciar as "cores" que só se tornam visíveis com a experiência acumulada ao longo dos anos.

Entretanto, a realidade da velhice no Brasil apresenta um contraste marcante com as reflexões de Rubem Alves. Embora o envelhecimento possa ser, de fato, uma fase rica e plena, muitos idosos brasileiros enfrentam desafios significativos. A falta de políticas públicas eficazes, o abandono familiar, a precariedade dos serviços de saúde e as limitações econômicas são apenas algumas das dificuldades que a população idosa enfrenta diariamente. Esses fatores muitas vezes reduzem a qualidade de vida e impedem que muitos idosos possam experimentar o envelhecimento com a dignidade e a tranquilidade que Alves tão poeticamente descreve.

O presente trabalho tem como objetivo explorar as reflexões de Rubem Alves sobre a velhice, conforme apresentadas em "As Cores do Crepúsculo", e relacioná-las com a realidade da terceira idade no Brasil. Através de uma análise literária da obra, busca-se compreender como Alves concebe a velhice e quais são as belezas e os desafios inerentes a essa fase da vida, segundo sua perspectiva.

Este estudo justifica-se pela necessidade de um entendimento mais profundo e humano sobre o envelhecimento, especialmente em uma sociedade que tende a marginalizar os idosos, tratando a velhice como um problema a ser evitado ou um fardo a ser carregado. Através das lentes poéticas e filosóficas de Rubem Alves, pretende-se oferecer uma visão mais ampliada e positiva sobre o envelhecer, destacando não apenas os desafios, mas também as potencialidades e belezas que essa fase da vida pode proporcionar. Com isso, espera-se contribuir para o desenvolvimento de um olhar mais sensível e inclusivo sobre a terceira idade, promovendo uma maior valorização e respeito aos idosos.

Por fim, a metodologia adotada neste trabalho incluirá uma análise literária da obra de Rubem Alves, sobre a velhice no Brasil. Essa abordagem permitirá uma compreensão ampla do tema.

"De que maneira a obra 'As Cores do Crepúsculo' de Rubem Alves aborda a velhice como um período de beleza e sabedoria, e como essa visão se relaciona com a realidade e os desafios enfrentados pela população idosa no Brasil?"

Essa pergunta busca explorar tanto a perspectiva literária e filosófica de Rubem Alves sobre a velhice quanto os aspectos práticos e sociais da realidade dos idosos no Brasil, permitindo uma análise crítica que integra diferentes dimensões do tema, e objetivo geral do presente estudo busca analisar como a obra "As Cores do Crepúsculo", de Rubem Alves, aborda a velhice como um período de beleza, sabedoria e reflexão.

Analisar a concepção de velhice apresentada por Rubem Alves na obra "As Cores do Crepúsculo": Investigar como o autor retrata a velhice como um período de reflexão, beleza e sabedoria, e quais metáforas e recursos literários ele utiliza para expressar essa visão.

A leitura deste trabalho é fundamental para alunos, professores e a sociedade em geral por diversas razões.

Para alunos, especialmente aqueles das áreas de Letras, Filosofia, Psicologia e Ciências Sociais, este estudo oferece uma oportunidade de compreender a velhice sob uma perspectiva literária e filosófica, enriquecendo seu conhecimento sobre a obra de Rubem Alves e desenvolvendo uma visão crítica sobre o envelhecimento. Ao explorar as metáforas e conceitos presentes em "As Cores do Crepúsculo", os alunos podem aprimorar suas habilidades analíticas e reflexivas, que são essenciais em suas formações acadêmicas e profissionais.

Professores de diversas disciplinas, como Literatura, Sociologia, Filosofia e Gerontologia, encontrarão neste trabalho uma fonte rica de discussões sobre o envelhecimento, que pode ser utilizada como recurso pedagógico em sala de aula. A obra de Rubem Alves, com suas reflexões profundas e poéticas, serve como um ponto de partida para debates sobre a importância de valorizar a terceira idade, além de oferecer um contraponto às visões predominantemente negativas sobre a velhice. Este trabalho também pode inspirar novas abordagens didáticas que promovam uma maior empatia e compreensão em relação aos idosos.

Para a sociedade, o trabalho é relevante por contribuir para a construção de uma visão mais humanizada e inclusiva sobre a velhice. No Brasil, onde o envelhecimento da população é uma realidade crescente, é crucial discutir formas de melhorar a qualidade de vida dos idosos e combater o preconceito etário. Ao promover uma reflexão sobre as belezas e os desafios da velhice, tanto do ponto de vista filosófico quanto social, este estudo pode incentivar uma mudança de atitude em relação aos idosos, valorizando sua experiência e sabedoria, e reconhecendo sua importância no tecido social.

Assim, este trabalho serve como um importante instrumento de conscientização e educação, promovendo uma compreensão mais abrangente e positiva da velhice, alinhada com a perspectiva poética e filosófica de Rubem Alves. Ao propor uma abordagem mais empática e inclusiva, o estudo contribui para o desenvolvimento de uma sociedade que respeite e valorize seus idosos, reconhecendo-os como uma fonte de sabedoria e experiência indispensáveis.

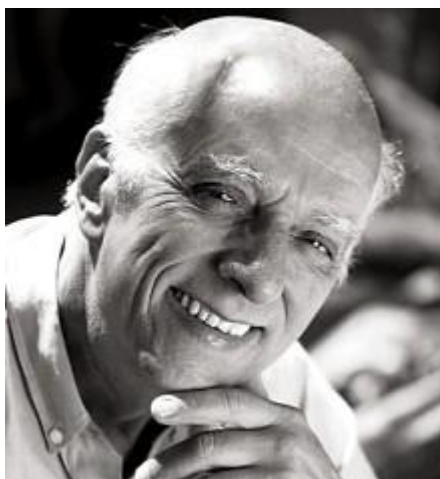
A metodologia adotada neste trabalho combina análise literária e pesquisa bibliográfica, com o objetivo de explorar as reflexões de Rubem Alves sobre a velhice, conforme apresentadas em sua obra "As Cores do Crepúsculo", e relacioná-las com a realidade dos idosos no Brasil. A escolha dessa abordagem metodológica permite uma investigação abrangente, que integra aspectos literários, filosóficos e sociais do tema.

Inicialmente, foi realizada uma análise textual detalhada de "As Cores do Crepúsculo". Este processo envolveu a leitura atenta e crítica da obra, identificando as principais metáforas, temas e recursos estilísticos utilizados por Rubem Alves para abordar a velhice. A análise literária focou em compreender como o autor constrói sua visão sobre o envelhecimento, destacando elementos que refletem a beleza, a sabedoria e os desafios desta fase da vida. As passagens relevantes do texto foram examinadas, considerando como a narrativa poética de Alves propõe uma ressignificação da velhice, não apenas como um período de declínio, mas como uma etapa rica em significado e reflexão.

Paralelamente, foi conduzida uma revisão bibliográfica para contextualizar a obra de Rubem Alves e situá-la dentro do panorama literário e filosófico mais amplo sobre a velhice. A pesquisa incluiu livros, artigos acadêmicos, ensaios e estudos que abordam tanto a obra de Rubem Alves quanto questões relacionadas ao envelhecimento, especialmente no contexto brasileiro

Por fim, a metodologia incluiu a comparação crítica entre a obra de Rubem Alves e dados empíricos sobre a velhice no Brasil. Essa comparação buscou identificar convergências e divergências entre a visão idealizada da velhice, apresentada por Alves, e os desafios enfrentados pela população idosa no Brasil contemporâneo. A análise crítica dos textos de Rubem Alves, combinada com uma contextualização socioeconômica e cultural, permitindo uma compreensão mais abrangente e multidisciplinar do tema, integrando elementos literários, em uma discussão coesa sobre as diferentes nuances do envelhecimento.

RUBEM ALVES E A VELHICE



Rubem Alves

Rubem Alves (figura 1) foi um renomado pensador brasileiro, reconhecido por sua contribuição em áreas como educação, filosofia e espiritualidade, e sua obra é marcada por uma linguagem poética e reflexiva, convidando o leitor a repensar conceitos e valores. Nascido em 1933 e falecido em 2014, Alves era natural de Minas Gerais, e se destacou como escritor, filósofo e psicanalista brasileiro exercendo grande influência no país. Suas obras são amplamente lidas e estudadas em diversas áreas do conhecimento. Além do seu legado

literário, Alves foi um educador dedicado, atuando como professor universitário e pedagogo, deixando uma contribuição significativa no campo da educação e da leitura. A questão do envelhecimento é uma das temáticas recorrentes em seus textos, presentes em diversos livros e crônicas. O envelhecer é um estágio da vida que tem recebido especial atenção nas esferas acadêmicas, sendo considerado um período crucial, de grandes mudanças nos tempos atuais.

A contribuição de Rubem Alves para a reflexão sobre o envelhecimento é notável, destacando-se pela sua abordagem poética e filosófica que tem impactado de maneira positiva a compreensão desse tema. Suas crônicas, marcadas por uma profundidade reflexiva, apresentam a relevância da velhice de forma poética, tratando-a como uma bela narrativa ou um relato envolvente, conferindo um valor estético e literário ao processo de envelhecer.

Na perspectiva de Rubem Alves, a velhice transcende meramente as aparências físicas e a idade avançada. Segundo o autor, enxergar além das rugas e dos cabelos brancos é contemplar a sabedoria e profundidade que os olhos carregam, refletindo sobre a jornada de vida e promovendo um encontro consigo mesmo no espelho da alma. Para Alves, a velhice representa a essência da alma, que transcende as limitações do tempo. Nessa visão, a velhice é considerada um convite a busca por novas intensidades, uma oportunidade de estabelecer uma conexão mais profunda consigo mesmo e com os outros. Além disso, é vista como o início de uma nova etapa, sempre permeada pela possibilidade de renovação e pela busca por uma união mais significativa com o mundo ao redor.

Em sua última crônica para o jornal “A Folha de S. Paulo”, Rubem Alves (2011) desabafa:

Há um cansaço. A velhice é o tempo do cansaço de todas as coisas (...) meus 78 anos estão pesando. A obrigação: é isso o que pesa. E é por isso [que] vou parar de escrever: porque estou velho, estou cansado, quero me livrar dos malditos deveres que me dão ordens desde que me conheço por gente. (Alves, 2011)

Rubem Alves deixou de lado as escritas obrigatórias, mas continuou escrevendo por puro prazer ou para atender a uma necessidade interna. Ele acreditava que, com a velhice, vem a chance de olhar para a vida de um jeito diferente, mais tranquilo e leve. Rubem Alves via essa fase como um tempo para aproveitar as pequenas coisas, contemplar a natureza ou simplesmente descansar à sombra de uma árvore. Escrever sobre a velhice era uma maneira de mostrar que esse período pode ser bonito e cheio de alegrias, via nela uma celebração da vida. Ele acreditava que, à medida que envelhecemos, aprendemos a dar mais valor ao que realmente importa. Para ele, escrever era uma forma de dividir essa visão com os leitores, mostrando que é possível viver de forma plena e feliz, aproveitando cada momento com sabedoria e gratidão.

ENVELHECIMENTO E ESPiritUALIDADE

Rubem Alves mergulha profundamente na intersecção da espiritualidade e da experiência humana. Traçando um panorama abrangente que engloba temas como a beleza do mundo natural, a importância do amor e a busca incessante pelo sentido da vida. Ele faz uma profunda reflexão sobre diversos aspectos da vida, incluindo a espiritualidade e suas ideias oferecem uma conexão rica entre os temas.

Não vivemos para ser úteis. Dizem os textos sagrados, que Deus trabalhou seis dias para plantar um jardim. Terminado o trabalho, já não havia nada para ser feito. E foi justamente então que Deus sentiu a maior alegria. Terminando o tempo do trabalho, chegara o tempo do desfrute. E o criador se transformou em amante: entregou-se ao gozo de tudo que fizera. Com as mãos pendidas (pois tudo o que devia fazer já havia sido feito), seus olhos se abriram mais. Olhou para tudo e viu que era lindo. Pôs-se a passear pelo jardim, gozando as delícias do vento fresco da tarde. E embora os poemas nada digam a respeito, imagino que o criador tenha também deleitado com o gosto bom dos frutos e com o perfume das flores. - Pois que razões Ele teria para criar coisas tão boas se não sentisse prazer? (Alves, 2010, p.53)

Rubem Alves nos oferece uma visão enriquecedora da espiritualidade no processo de envelhecimento. Para ele, a velhice é uma fase de crescimento espiritual, um tempo para aprofundar a conexão consigo mesmo e com o divino, e para encontrar beleza e significado no ciclo da vida. Ele vê a espiritualidade como uma fonte de consolo, sabedoria e prazer, ajudando os idosos a navegarem pelos desafios do envelhecimento com serenidade e alegria.

Ao explorar a espiritualidade como parte integrante do envelhecimento, Alves nos convida a repensar nossas próprias atitudes em relação à velhice e à morte, promovendo uma abordagem mais inclusiva e empática para com os idosos. Sua visão oferece um contraste poderoso com a realidade enfrentada por muitos idosos no Brasil, mas também uma esperança de que, através da espiritualidade e da introspecção, todos possam encontrar um sentido renovado e um prazer mais profundo em suas vidas.

Para Alves, o envelhecimento não é apenas uma questão biológica, mas uma fase da vida cheia de possibilidades para o crescimento pessoal e espiritual. Ele via o envelhecimento como uma oportunidade para a contemplação, a sabedoria e a reconexão com o que é essencial. Ele argumentava que à medida que envelhecemos, somos chamados a um processo de desapego das preocupações mundanas e a um mergulho mais profundo na compreensão de nós mesmos e do mundo ao nosso redor.

A espiritualidade em Rubem Alves, não está confinada aos dogmas religiosos, mas é vista com uma dimensão fundamental da existência humana. Para ele, a espiritualidade tem a ver com a busca de sentidos para o existir humano, diz respeito à experiência do sagrado no cotidiano e a conexão com algo maior do que nós mesmos. Alves acredita que a espiritualidade podia ser encontrada nas coisas simples da vida, como na natureza, nas artes, na música e nas relações humanas.

Rubem via a velhice como uma fase propícia para o desenvolvimento da sabedoria. Através das experiências acumuladas ao longo da vida, os idosos podem alcançar uma compreensão mais profunda de si

mesmos e do universo. Essa sabedoria é um elemento essencial da espiritualidade, pois permite uma visão mais ampla e compreensiva da vida.

A velhice é quando se sai em busca do tempo perdido... Escreve para tranquilizar a saudade. Ao escrever, vivo de novo a infância que vivi. Mas nem sei se vivi... Não sei se a infância da minha memória é a infância acontecida ou um devaneio poético, a infância que eu gostaria de ter vivido. Talvez ao escrever, eu, velho, esteja vivendo agora o que nunca vivi... Sonhar é uma forma de viver. (Alves, 2010, P.75)

Por exemplo, segundo Alves, o envelhecimento é um momento de desapego. Com o passar dos anos, as prioridades mudam e as coisas materiais perdem a importância. Esse desapego é um caminho para a espiritualidade, pois facilita uma conexão mais pura com o que realmente importa; valores, relações e paz interior.

Rubem enfatiza também a importância da contemplação, que se torna mais acessível na velhice. A diminuição das pressões do dia a dia permite que os idosos dediquem mais tempo a reflexão, a meditação e a apreciação da beleza ao seu redor. A espiritualidade, assim, é alimentada por esse tempo de introspecção e quietude.

Também a inevitável finitude, que na velhice aparece sem charmes nem disfarces, é um tema que Alves aborda com frequência. A aceitação da finitude pode levar a uma vida mais plena e significativa. A compreensão da finitude humana abre espaço para a transcendência e a conexão com o eterno.

Agora, ao final de nossas andanças, nossos olhos são outros, olhos da velhice, de saudade. "toda saudade é uma espécie de velhice", disse Riobaldo. É por isso que os olhos do velho vão se enchendo de ausências. "Memória fraca", dizem os jovens. Engano: é que a sua alma sabe o que merece ser lembrado. Esquecem-se do que aconteceu ontem, mas se lembram do que aconteceu há muito tempo, como se fosse hoje. (Alves, 2010, P.31)

ENVELHECIMENTO E SEXUALIDADE

Rubem Alves ao longo de sua obra explorou também aspectos como o envelhecimento e a sexualidade, no arco mais amplo do entendimento das grandes experiências humanas. Alves tratava a sexualidade com uma visão ampla, indo além do ato físico e explorando sua dimensão emocional, espiritual e relacional. Para ele, a sexualidade é uma parte fundamental da condição humana, ligada ao amor, à intimidade e à expressão de afeto e carinho. Ele via a sexualidade como uma força vital que permeia a vida em todas as suas fases.

A sexualidade como parte essencial da experiência humana, continua a desempenhar um papel importante mesmo na velhice. Ele argumenta que o desejo e a atração não são prerrogativas apenas dos jovens, mas sim expressões da vitalidade que permanece presente ao longo de toda a vida. Na velhice, a sexualidade pode se manifestar de maneiras diferentes, mais sutis e emocionais, mas ainda igualmente poderosas e significativas.

Para Alves, a sexualidade na velhice é menos sobre o ato físico em si e mais sobre a intimidade, o carinho, a conexão e a expressão do amor. Ele sugere que a sexualidade madura é mais rica e profunda, marcada por uma compreensão maior do próprio corpo, das necessidades do parceiro e da importância de compartilhar momentos de afeto e proximidade. A velhice, então, oferece uma oportunidade única de redescobrir a sexualidade em uma nova luz, livre das pressões e expectativas da juventude.

Digo isso a propósito do que as pessoas tiraram das escrituras sagradas quando pensam sobre sexo. Veio-me a memória um texto inspirado como todos os outros, no qual são descritos os últimos momentos do rei Davi. Esse incidente relatado nos primeiros versos do livro de Reis, e sobre o qual nunca ouvi sermão, conta que, sendo Davi já velho, todos os cobertores inúteis para aquecê-lo, seus servos tiveram uma ideia terapêutica. “Procura-se para o senhor nosso rei uma jovem virgem que o assista e cuide dele: Ele dormirá sobre o seu seio e o senhor nosso rei se aquecerá”. Assim se fez. Mas foi inútil. Foi inútil que o rei dormisse ao lado da mais bela jovem do reino. Seu corpo, outrora corpo de homem viril – lembrem-se de Betsebé? Permaneceu inerte. As esperanças de que ele fosse trazido de novo a vida pelas delícias do corpo de uma mulher não se realizaram. Ele não fez amor com ela. Que decepção! E morreu. O que esse texto sagrado diz é que havia a convicção, partilhada por todos, de que o amor sexual tem o poder de realizar o milagre de curar o corpo. O sexo aquece a vida fria, sexo é remédio. Sexo é alegria. (Os que só tiram coisas má do tesouro concluíram, ao contrário, que o sexo é veneno...) (Alves, 2001, p.112)

Alves argumentava que a sexualidade na velhice não desaparece, mas se transforma. Com o passar do tempo, a expressão sexual, pode se tornar menos centrada na performance física e mais focada na intimidade, no carinho e na conexão emocional. Este aspecto da sexualidade pode florescer à medida que os parceiros envelhecem juntos, descobrindo novas formas de proximidade e afeto.

A experiência acumulada ao longo da vida contribui para uma compreensão mais profunda das relações e da sexualidade. A velhice traz a possibilidade de um amor maduro, uma sexualidade sem pressa, mas desfrutadas com paciência e ternura. Alves via essa transformação como forma de alcançar uma conexão mais rica entre os parceiros.

Ele encoraja a aceitação do corpo envelhecido. A beleza está na autenticidade do corpo que envelhece e a aceitação dessas mudanças leva a uma vivência mais plena da sexualidade. Ter a capacidade de valorizar a beleza em si mesmo e no outro, apesar das mudanças físicas é uma forma de enriquecer a vida sexual na velhice.

O erotismo não se limita ao aspecto físico, mas também envolve a capacidade de encantar-se com a vida. Na perspectiva de Rubem Alves, o erotismo na velhice está relacionado à capacidade de se maravilhar com o mundo. Ele via o erotismo como uma celebração da vida, do corpo e das emoções. Nos convida a repensar o

erotismo na velhice, reconhecendo-o como uma parte vital e enriquecedora da experiência humana. Sua visão desafia os estereótipos que limitam a expressão erótica aos jovens.

ENVELHECIMENTO E EDUCAÇÃO

Mineiro, com seu talento para contar histórias, exibiu uma cultura vasta ao entrelaçar conhecimento e sabedoria. Rubem Alves sempre foi um grande pensador da educação¹. Para ele, o aprendizado se dá através da construção, o que não muda na velhice. Suas obras nos convidam a refletir sobre o que é verdadeiramente humano e essencial na vida.

A visão de Rubem Alves sobre a educação na velhice desafia as normas convencionais e propõe uma abordagem mais inclusiva, humanista e transformadora. Ele vê a educação como uma fonte de enriquecimento pessoal, empoderamento e libertação para os idosos, e como um meio de promover a aprendizagem ao longo da vida e a troca intergeracional. Alves nos convida a repensar a forma como vemos a velhice, não como um período de declínio, mas como uma fase rica em possibilidades de aprendizado e crescimento.

Sua perspectiva nos lembra da importância de valorizar a sabedoria dos idosos e de proporcionar-lhes oportunidades contínuas de aprendizado que respeitem e celebrem suas experiências de vida. Ao fazer isso, a educação pode se tornar um poderoso instrumento para transformar a maneira como a sociedade percebe e trata a velhice, promovendo uma cultura de respeito, dignidade e inclusão para todas as idades.

Quando tratamos de educação para os jovens, estamos falando sobre a influência da família e da escola, ensinando as crianças a pensar e criar, estimulando a curiosidade dos alunos. Na fase adulta, o processo é distinto.

No Brasil, o direito do idoso é garantido pela Constituição, incluindo o direito à educação ao longo da vida. O país foi pioneiro na prática educativa, com o SESC São Paulo sendo o primeiro nos anos 60, embora inicialmente focado em socialização e combate à ociosidade dos idosos. Com o surgimento da gerontologia, novos elementos foram incorporados, abrindo novas oportunidades e envolvendo escolas e universidades no processo. A educação desfaz o estereótipo da velhice como algo frágil, gerando novos conhecimentos e mudando a percepção sobre os mais velhos. As universidades estão se adaptando e oferecendo cursos especiais para a terceira idade, ou seja, para a melhor idade.

Além de seus escritos, foi também um educador dedicado, tendo atuado como professor universitário e pedagogo. Rubem Alves escreveu várias crônicas falando sobre educação, e seu modo único de pensar.

Como ensinar

Se eu fosse ensinar a uma criança a arte da jardinagem, não começaria com as lições das pás, enxadas e tesouras de podar. Eu a levaria a passear por parques e jardins,

¹ Ele sempre defendeu que a educação é para todos, e deixou isso claro em muitos livros escritos diretamente para os educadores. Alguns deles: *Conversas com quem gosta de ensinar* (2000); *A Alegria de Ensinar* (2001); *Lições do velho professor* (2013); etc...

mostraria flores e árvores, falaria sobre suas maravilhosas simetrias e perfumes; a levaria a uma livraria para que ela visse, nos livros de arte, jardins de outras partes do mundo. Aí, seduzida pela beleza dos jardins, ela me pediria para ensinar-lhe as lições das pás, enxadas e tesouras de podar.

Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música, não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe falaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes.

Se fosse ensinar a uma criança a arte da leitura, não começaria com as letras e as sílabas. Simplesmente leria as histórias mais fascinantes que a fariam entrar no mundo encantado da fantasia. Aí então, com inveja dos meus poderes mágicos, ela desejaria que eu lhe ensinasse o segredo que transforma letras e sílabas em histórias.

É muito simples. O mundo de cada pessoa é muito pequeno. Os livros são a porta para um mundo grande. Pela leitura vivemos experiências que não foram nossas e então elas passam a ser nossas. Lemos a história de um grande amor e experimentamos as alegrias e dores de um grande amor. Lemos histórias de batalhas e nos tornamos guerreiros de espada na mão, sem os perigos das batalhas de verdade. Viajamos para o passado e nos tornamos contemporâneos dos dinossauros. Viajamos para o futuro e nos transportamos para mundos que não existem ainda.

Lemos as biografias de pessoas extraordinárias que lutaram por causas bonitas e nos tornamos seus companheiros de lutas. Lendo, fazemos turismo sem sair do lugar. E isso é muito bom. (Alves, 2008, p.130-131)

AS CORES DO CREPÚSCULO: A ESTÉTICA DO ENVELHECER



Figura 1- Livro As cores do crepúsculo A estética do envelhecer

A "estética do envelhecer" (figura 2) é uma maneira de ver a velhice como algo bonito e cheio de significado. Em vez de pensar na velhice apenas como um momento de perda ou declínio, essa visão valoriza as mudanças que o tempo traz, como rugas e cabelos brancos, como sinais de uma vida cheia de histórias e sabedoria.

A velhice é uma fase natural do ciclo de vida humano caracterizada pelo avanço da idade, acompanhada por mudanças físicas, psicológicas e sociais. Mais do que uma condição biológica, a velhice carrega significados culturais, sociais e individuais, sendo vista por muitos como um período de declínio, mas também como uma fase de plenitude e sabedoria. No contexto literário, como nas obras de Rubem Alves, a velhice é frequentemente retratada como um tempo de reflexão e autoconhecimento, onde se revela uma nova forma de enxergar o mundo e a própria existência. Em contraste, na sociedade contemporânea, especialmente no Brasil, a velhice muitas vezes enfrenta estigmas e desafios que limitam o potencial dessa fase para ser vivida plenamente, como questões de saúde, inclusão social e segurança econômica.

Rubem Alves sugere que a velhice tem sua própria beleza, marcada pela calma e pela experiência que vem com os anos. Ele compara o envelhecer ao crepúsculo — um momento do dia que é sereno e cheio de cores suaves, mesmo sendo a transição para a noite.

Assim, a estética do envelhecer é sobre ver a velhice como uma parte natural e valiosa da vida, cheia de novas formas de beleza e uma compreensão mais profunda do que é importante. É um convite para reconhecer que cada fase da vida, incluindo a velhice, tem sua própria beleza.

Nesta obra, Rubem Alves aborda de maneira poética e filosófica o processo de envelhecer. Com sua sensibilidade, ele explora a velhice como uma fase rica em sabedoria e beleza, integrando os aspectos de uma visão holística do envelhecimento. Alves destaca a importância de incluir os idosos como membros ativos da sociedade, enxergando a velhice não como um declínio, mas como uma fase repleta de experiências valiosas para o bem-estar comunitário.

E foi assim que começou o meu caso de amor com a velhice, com rigor de um silogismo. Primeira premissa: eu sou velho; o gesto da moça do metrô o atesta. Segunda premissa: a velhice é tarde imóvel, banhada por uma luz antiquíssima; a metáfora poética assim o declara. Terceira premissa: essa tarde imóvel me encanta, é bela. Conclusão: A velhice é bela como a tarde imóvel.

Essa imagem me trouxe grande alegria. Ela dava conteúdo sensível aquilo que eu estava sentindo. Agora eu podia falar sobre a velhice sem me envergonhar.

E descobri que não estava sozinho. Muitos outros haviam tido revelações semelhantes. A metáfora do crepúsculo, portanto não era arbitrária. Ela continha uma verdade. Eu podia então falar sobre a velhice falando sobre o crepúsculo. (Alves, 2001, p.25)

Rubem Alves fala sobre a "estética do envelhecer" como uma maneira de ver a beleza e a sabedoria na velhice. Para ele, envelhecer não é apenas perder a juventude, mas também redescobrir o que realmente importa, inclusive a sexualidade.

Alves acredita que a sexualidade muda com a idade. Ela se torna menos focada no desejo físico e mais na conexão emocional e na intimidade. Na velhice, a sexualidade é vivida com mais carinho e proximidade, dando valor ao toque, à conversa e ao afeto. Ele vê a sexualidade nessa fase como algo belo e importante, que reflete a experiência e o amor que se acumulam ao longo dos anos.

Para Rubem Alves, a sexualidade na velhice não se baseia tanto na aparência, mas na conexão profunda com outra pessoa. É uma forma de amar que envolve o coração e a mente, além do corpo. Ele acredita que a sexualidade no envelhecimento é parte da "estética do envelhecer", mostrando que todas as fases da vida têm sua própria beleza e espaço para o amor.

Ele encoraja a aceitação do corpo envelhecido e destaca que a intimidade emocional e o carinho adquirem novas dimensões, enriquecendo a vida sexual dos idosos. Essa visão amplia a compreensão da sexualidade como expressão contínua de amor e conexão humana.

De fato, o sexo na velhice é muito diferente do sexo na adolescência. O adolescente, no seu estado normal, é um drogado. Não me entendam mal. Não estou dizendo que eles cheiram cocaína. Estou dizendo que eles são, repentinamente, invadidos por um vulcão de hormônios que não conheciam, demônios incontroláveis que deles se apossam, alojando preferencialmente em certas partes do corpo que se põe a mover dolorosamente, independente da sua vontade (...). Surge então o sexo sob uma outra forma: a ternura. Aí os ditos órgãos descontrolados deixam de se movimentar por conta própria. Só se movimentam quando comovidos pela ternura da beleza... Sem a ternura da beleza eles ficam inertes. Os tolos acham que é impotência. Ou frigidez. É nada. (Alves, 2001, pp 114-115).

Ele também defende a educação como um processo contínuo que transcende a juventude. Ele valoriza o aprendizado permanente e a educação intergeracional, onde jovens e idosos podem aprender e se enriquecer mutuamente.

A presença dos idosos em ambientes educacionais é vista como uma forma de manter a mente ativa, promover o crescimento pessoal e fortalecer os laços comunitários. Então Rubem nos conta uma de suas histórias.

Rubem Alves vê a "estética do envelhecer" como uma maneira de continuar aprendendo e se reinventando na velhice. Para ele, envelhecer não é apenas ficar mais velho, mas também ganhar sabedoria e enxergar a vida de uma nova forma.

Na velhice, a educação muda de foco. Em vez de ser apenas sobre aprender para o trabalho, ela passa a ser sobre autoconhecimento, reflexão e aproveitar as coisas simples da vida. Alves acredita que, nessa fase, aprender deve ser algo prazeroso, como ler um bom livro, ouvir música ou admirar a natureza.

Para Rubem, essa forma de aprendizado mais leve e prazerosa faz parte da beleza de envelhecer. Ele acredita que a educação na velhice deve incentivar a curiosidade e o prazer de entender o mundo de maneira mais profunda e criativa, sem a pressão da juventude.

Assim, a educação na velhice é vista por Alves como uma forma de manter a mente ativa e o espírito curioso, mostrando que é possível continuar crescendo e aproveitando a vida em todas as suas fases.

Takeshi Nojima, imigrante japonês, com 80 anos, já vendeu tomate, criou bicho da seda e foi dono de mercearia. Preparava-se para prestar o vestibular de medicina. E ele explicava: "parte de minha vida passei cuidando dos meus pais. Outra parte cuidando dos meus filhos. Chegou finalmente a hora de cuidar de mim mesmo. Sempre sonhei em estudar medicina. Quero agora realizar o meu sonho". (Alves, 2001, p.132).

E não importa a idade, o que realmente importa é envelhecer com sabedoria, e essa sabedoria para cada um tem uma forma e a educação é uma delas.

Rubem Alves liga a "estética do envelhecer" à espiritualidade, mostrando que a velhice pode ser um momento para explorar questões profundas sobre a vida. Para ele, envelhecer não é apenas sobre ficar mais velho, mas também sobre refletir sobre o sentido da vida e o próprio caminho espiritual.

Na velhice, a espiritualidade pode se tornar mais importante. Em vez de focar apenas em coisas materiais ou nas atividades diárias, essa fase oferece um espaço para pensar sobre a vida e o que ela significa. Alves acredita que, com a idade, podemos contemplar mais sobre a vida, a morte e o propósito, com uma visão mais tranquila e sábia. A espiritualidade na velhice é uma maneira de encontrar paz e compreensão. Ele vê a espiritualidade como uma fonte de conforto e alegria, ajudando a refletir sobre a vida e a se conectar com algo maior.

Portanto, para Alves, a espiritualidade na velhice é uma parte importante da beleza de envelhecer, oferecendo um sentido mais profundo e enriquecedor para a vida, aproveitando a sabedoria e a experiência acumuladas ao longo dos anos.

Ainda sobre o tema espiritualidade na velhice, destaca-se que a busca pelo sentido da vida, valoriza a contemplação e reflexão sobre esta mesma vida. Ele sugere que a velhice é um momento propício para explorar questões existenciais e espirituais mais profundamente, estabelecendo uma conexão consagrada com a religiosidade e a finitude da vida.

E de repente, eu me vi como nunca havia me visto, iluminado por uma luz diferente, uma luz crepuscular. E, então, tudo mudou... de fato, "quando nos sentimos mais

seguros, então acontece algo: um pôr-do-sol, o final de um coro de Eurípedes, um gesto delicado de uma mulher, e outra vez estamos perdidos”. (Alves, 2001, p.20).

O autor nos ensina que cada um pode enxergar as coisas de maneira única e que para isso, é essencial ter a coragem de recomeçar. Para muitos, os olhos são como planetas que apenas recebem luz, mas para nosso poeta isso não é verdade. Os olhos são reflexo da alma, a luz do corpo, revelando não só o que vemos, mas também quem somos através do brilho do olhar que ilumina o mundo. Podemos não mudar nada ao nosso redor, mas podemos mudar a forma como olhamos para as coisas.

Tudo depende dos olhos. “Não basta abrir a janela para ver os campos e o rio. Não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores” diz Alberto Caieiro. Todos os que passavam pelos montes de feno que Monet pintava, viam os mesmos montes de feno, mas não viam os mesmos montes de feno. Nenhum deles tinham os olhos como os do pintor. A revelação não é a experiência de ver coisas que não se via antes. A rua, o jardim, o muro continuam os mesmos. Nada foi acrescentado. E, no entanto, tudo está diferente. A rua dá para um outro mundo, o jardim acaba de nascer, o muro fatigado se cobre de signos. Tudo está banhado por uma luz antiquíssima e ao mesmo tempo acabada de nascer. Nada mudou, mas mudaram se os olhos. Portanto, tudo mudou. É a experiência do satori, a abertura do terceiro olho, a que se referem os pensadores zen. (Alves, 2001, p.15)

A "estética do envelhecer" proposta por Rubem Alves oferece uma perspectiva sobre a velhice como uma fase de vida repleta de beleza e profundidade significativa. Em vez de se restringir à percepção de envelhecimento como um período de declínio, Alves argumenta que a velhice deve ser vista como uma fase que celebra a acumulação de experiência e a serenidade adquirida ao longo dos anos. Esta abordagem ressalta que a velhice pode ser marcada por uma riqueza de sabedoria e valor intrínseco.

No contexto da sexualidade, Alves sugere que na terceira idade a sexualidade se transforma, concentrando-se mais na conexão emocional e no afeto do que na busca pelo desejo físico. Essa fase da vida é caracterizada por um aprofundamento nas relações interpessoais, com uma ênfase crescente na intimidade e na cumplicidade.

Quanto à educação, Alves propõe que na velhice o aprendizado deve ser continuado de maneira prazerosa e reflexiva. A terceira idade proporciona uma oportunidade para manter a mente ativa e engajada, valorizando a capacidade de apreciar as pequenas coisas da vida sem a pressão e as exigências associadas ao período da vida adulta.

A dimensão espiritual da velhice, conforme descrito por Alves, oferece um espaço privilegiado para a reflexão e a busca de significado. Este período é visto como uma oportunidade para buscar paz interior e uma conexão mais profunda com o transcendente, facilitando um entendimento mais profundo da própria existência.

Em síntese, para Rubem Alves, a velhice é uma etapa da vida que oferece oportunidades para encontrar beleza e significado em diversas dimensões, incluindo a sexualidade, a educação e a espiritualidade. Este enfoque

acadêmico sublinha que cada fase da vida possui momentos únicos e valiosos que merecem ser explorados e apreciados.

Um pôr-do-sol, uma carta que se recebe de um amigo, os campos de capim-gordura brilhando ao sol nascente, cheiro de jasmim, um único olhar de uma pessoa amada, a sopa borbulhante sobre o fogão a lenha, as árvores de outono, o banho de cachoeira, mãos que se seguram, o braço de um filho: houve muitos momentos em minha vida de tanta beleza que eu disse para mim mesmo: "Valeu a pena eu ter vivido toda a minha vida para viver esse único momento". Há momentos efêmeros que justificam toda a vida. (Alves, 2001, p.162)

CONCLUSÃO

Ao refletir sobre as ideias de Rubem Alves e a estética do envelhecer, percebo o quanto suas perspectivas são essenciais para repensarmos o que significa envelhecer nos dias de hoje. Alves nos desafia a abandonar os estereótipos negativos que costumam acompanhar a velhice, convidando a ver essa fase da vida como algo natural, cheio de oportunidades para crescer, refletir e apreciar novas formas de beleza e de descobertas. Envelhecer, para ele, é um processo contínuo de aprendizado e redescoberta, que vai além das limitações físicas e explora o crescimento interior, espiritual e emocional que essa fase proporciona.

Para Rubem Alves, a estética do envelhecer está na capacidade de enxergar beleza nas mudanças que o tempo traz. Ele sugere que, em vez de encarar a velhice como um período de perda ou declínio, podemos vivê-la com alegria, sensibilidade e profundidade. Em seu olhar, o envelhecimento é visto como uma chance de renovação espiritual e emocional, onde cada pequeno detalhe da vida pode ser apreciado de forma mais plena, serena e tranquila. Ele nos convida a uma mudança de perspectiva, a uma abertura para as transformações interiores que ocorrem conforme o tempo avança, permitindo-nos desfrutar de cada momento com mais intensidade e gratidão.

Rubem também destaca a importância de manter o prazer e o desejo vivos na velhice. Ele desconstrói a ideia de que erotismo e sensualidade são exclusividades da juventude, mostrando que esses aspectos podem ser cultivados e vividos intensamente em qualquer idade. Para ele, a sensualidade na velhice é uma manifestação da vitalidade interna que não se apaga com o tempo, mas que pode ser enriquecida pela experiência e pela maturidade. Essa visão desafia o que a sociedade costuma pensar, abrindo espaço para uma compreensão mais rica e completa do envelhecer, onde o corpo, a mente e o espírito encontram novas formas de expressão e celebração.

Com isso, o que quero enfatizar é a importância de adotarmos uma visão mais positiva e inclusiva sobre o envelhecimento. Ao enxergar a estética do envelhecer como Rubem Alves propõe, podemos contribuir para uma cultura que realmente valorize a experiência, a sabedoria e a beleza que a velhice traz, ajudando a construir uma sociedade que respeite e celebre todas as fases da vida. Essa abordagem nos convida a apreciar as rugas, os

cabelos brancos, as marcas do tempo, não como sinais de fragilidade, mas como símbolos de uma vida vivida com plenitude e significado.

Essa nova maneira de ver o envelhecimento pode transformar profundamente como tratamos e entendemos os idosos, incentivando uma abordagem mais humana, empática e consciente. As reflexões de Rubem Alves levam a reconsiderar as próprias atitudes em relação à velhice e buscar formas de viver essa fase com mais integridade, respeito e beleza. Ao adotarmos essa perspectiva, podemos promover um envelhecer mais saudável e enriquecedor, onde cada momento é uma oportunidade de aprendizado, crescimento e celebração da vida.

Em suma, a reflexão sobre a obra de Rubem Alves e a realidade da velhice no Brasil destaca a importância de integrar perspectivas poéticas e filosóficas com uma análise crítica das condições reais enfrentadas pelos idosos. Essa abordagem multidimensional pode contribuir para uma maior valorização e respeito pela terceira idade, promovendo uma sociedade que reconheça e celebre a sabedoria e a experiência acumuladas ao longo da vida. Este trabalho, portanto, não apenas oferece uma visão enriquecedora da velhice, mas também busca inspirar ações concretas que possam transformar a realidade dos idosos e melhorar sua qualidade de vida.

INSPIRAÇÃO DE RUBEM ALVES

SOBRE A VELHICE:

Por oposição aos gerontologistas, que analisam a velhice como um processo biológico, eu estou interessado na velhice como um acontecimento estético.

A velhice tem a sua beleza, que é a beleza do crepúsculo. A juventude eterna, que é o padrão estético dominante em nossa sociedade, pertence à estética das manhãs. As manhãs têm uma beleza única, que lhes é própria.

Mas o crepúsculo tem um outro tipo de beleza, totalmente diferente da beleza das manhãs. A beleza do crepúsculo é tranquila, silenciosa – talvez solitária. No crepúsculo tomamos consciência do tempo. Nas manhãs o céu é como um mar azul, imóvel.

No crepúsculo as cores se põem em movimento: o azul vira verde, o verde vira amarelo, o amarelo vira abóbora, o abóbora vira vermelho, o vermelho vira roxo – tudo rapidamente.

Ao sentir a passagem do tempo nos apercebemos que é preciso viver o momento intensamente. Tempus fugit – o tempo foge – portanto, carpe diem – colha o dia. No crepúsculo sabemos que a noite está chegando.

Na velhice sabemos que a morte está chegando. E isso nos torna mais sábios e nos faz degustar cada momento como uma alegria única. Quem sabe que está vivendo a despedida olha para a vida com olhos mais ternos...

Rubem Alves

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Folha São Paulo: Cotidiano. *In*: ALVES, Rubem. **Despedida**. São Paulo, 1 nov. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0111201105.htm>. Acesso em: 5 ago. 2024.

ALVES, Rubem. **As cores do crepúsculo**: A estética do envelhecer. 1. ed. Campinas: Papirus, 2001. 168 p.

ALVES, Rubem. **Se eu pudesse viver minha vida novamente...** Campinas: Verus editora, 2010. 128 p.

ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Planeta do Brasil editora, 2008. 130, 131 pp.

ALVES, Rubem. A VELHICE. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://albertaraujo.blogspot.com/2017/07/a-velhice-texto-de-rubem-alves.html>. Acesso em: 3 set. 2024.